

O ensino de rádio no Brasil: sobre a superação de modelos

Luciano V. Barros Maluly
(Universidade de São Paulo (USP/Brasil);
lumaluly@usp.br)¹
Suely Maciel
(Universidade Estadual Paulista (UNESP/
Brasil); suelymaciel@faac.unesp.br)²

Resumo

Este trabalho apresenta metodologias e práticas pedagógicas no ensino de rádio e radiojornalismo de um grupo de professores e pesquisadores de algumas das principais universidades públicas e privadas do Brasil, em especial da região Sudeste, a qual concentra mais da metade das escolas de comunicação do país. Os depoimentos mostram que, a despeito das conhecidas e tradicionais dificuldades de infraestrutura, baixa valorização do meio rádio nos programas dos cursos e o contumaz desinteresse dos estudantes pelo meio (mais grave ainda quando se trata da produção jornalística), as diferentes propostas buscam garantir o amplo desenvolvimento do aluno como profissional multimídia, multitarefa, empreendedor, autônomo e responsável, ciente de seu papel na consolidação, nas mídias sonoras, de uma produção diversificada, criativa, ética e comprometida com as demandas do público nas esferas local, regional e global.

Palavras-chave: *ensino de radiojornalismo; radiojornalismo; rádio multiplataforma; jornalismo; mídia sonora; webrádio.*

Abstract

The purpose of this study is to present and discuss methodologies and pedagogical practices in the teaching of radio and radio journalism in Brazil, based on the experiences of a well skilled group of professors and researchers from some of the leading public and private universities, mainly located in the southeast of Brazil, which has more than half of the country's communications

1 O Prof. Dr. Luciano V. B. Maluly é docente da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, onde atua na área de jornalismo de rádio na Graduação e na Pós-graduação e é coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo (Alterjor).

2 A Profa. Dra. Suely Maciel é docente da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp). É vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa Textos da Cultura em Mídias Diferenciadas (TCult).

schools. The statements show that, despite the usual and well known difficulties in infrastructure, under rating courses of radio programs and stubborn indifference of students in such media (it gets even worse when it comes to journalistic production), there has been a consistent movement to ensure an education that provides the necessary resources for comprehensive development of the students as multimedia, multitasking, enterprising, independent/autonomous and responsible professionals, aware of his own consolidation role in sound media, a diversified production, creative, ethical and committed to the demands of the local, regional and global audience.

Keywords: *teaching of radio, radio journalism, multiplatform radio, sound media, journalism, webradio,*

Introdução

A evolução tecnológica constante e crescente toma o rádio e as demais mídias sonoras de assalto: produção e veiculação multiplataformas, convergência midiática, “rádio 3G” etc. estão, cada vez mais, configurando e consolidando uma nova face para os meios que têm o espectro sonoro como baliza. O “rádio hipermidiático”, se assim se pode dizer, coloca novos desafios e formas de atuação tanto para aqueles que estão diretamente envolvidos com a produção das mensagens quanto para o destinatário destas que, já há algum tempo, vem desempenhando um diferenciado protagonismo nos processos comunicacionais.

Diante desse cenário, impõe-se ao ensino de rádio e de radiojornalismo nas universidades e faculdades uma série de demandas que vêm se somar às tradicionais dificuldades encontradas pelos professores, as quais se estendem da concorrência com a variedade sedutora das novas mídias até a necessidade da atualização constante de métodos, estratégias e propostas de ensino que deem conta da permanente ameaça de descompasso entre o saber teórico-prático discutido na academia e a evolução sem trégua dos aparatos tecnológicos e dos processos produtivos fora dela. A se considerar que o rádio chega a 90% das residências no Brasil e que 84% das pessoas com mais de 13 anos ouvem rádio na União Europeia, sem falar nas 300 mil webrádios, com seus 50 milhões de ciberescutas, formar os novos profissionais para o meio revela-se um compromisso de enorme monta e, por isso mesmo, extremamente desafiador e estimulante.

Foi com base nessa inquietação e visando trocar experiências e propostas que um grupo de professores e pesquisadores de rádio, mídias sonoras e, principalmente, radiojornalismo, além de alguns profissionais, reuniu-se no final de 2012, em São Paulo, no I Simpósio Brasileiro

de Radiojornalismo³, evento comemorativo dos 90 anos do rádio no Brasil, promovido pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo (Alterjor) da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Este artigo propõe-se, então, a apresentar e discutir metodologias e práticas pedagógicas relatadas por esse grupo, o qual representa algumas das principais universidades públicas e privadas brasileiras, em especial da região Sudeste, que concentra mais da metade das escolas de comunicação do país. Por isso, ainda que regional, o evento configura um importante panorama que reflete, de certa forma, a realidade da área no Brasil.

1. Os desafios da formação em radiojornalismo na contemporaneidade

Quais os problemas enfrentados por um professor de radiojornalismo em sala de aula? No ensino superior ou técnico, muitas cobranças passam pelo universo desse educador, ora atento às transformações da tecnologia, ora preocupado com a formação do cidadão. Muitos professores revelam uma base ainda conduzida pelo pensamento europeu do período relacionado ao antes, durante e pós da II Guerra Mundial ou da influência da mídia rádio, como se observa por Bertolt Brecht (Meditsch, 2005: 35-45) e Walter Benjamin (1986). Este processo adquire ainda mais atenção quando existe uma preocupação constante com o universo social revelado, pelo processo radiofônico, na América Latina (Lopez Vigil, 2003) e, em particular, no Brasil (Peruzzo, 2005). No jornalismo, a ideia de construção de uma sociedade democrática é conduzida pela necessidade uma formação cidadã, relacionada ao interesse público (Moraes Júnior, 2011). Neste processo, está inserida uma base destinada ainda à profissionalização pela e para a técnica, acompanhada da preocupação constante com a tecnologia, seu desenvolvimento e aplicação, como observado agora com as transformações para o digital e, por si, os debates em torno das multiplataformas, hipermídia, Rádio 3G, entre outras. Cabe aqui uma reflexão em torno do que deve ser ensinado em sala de aula e o que está sendo praticado nas emissoras. Parte-se da premissa de que o processo de ensino do radiojornalismo deve ter forte base teórica e passa pela aplicação de exercícios relacionados ao universo profissional. Estes são executados em laboratórios como treinamento ou para produção de conteúdos a serem veiculados em emissoras ligadas às instituições, como é o caso da Rádio Gazeta AM⁴, da Faculdade Cásper

Líbero (Facasper), em São Paulo, em que os alunos do curso de comunicação conduzem alguns programas. O mesmo ocorre na rádio Unesp FM⁵, a qual integra alunos dos cursos de Radialismo e Jornalismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp) no seu corpo de estagiários, bem como mantém, em sua grade de programação, quase duas dezenas de programas e programetes resultantes de projetos de extensão.

Este universo é reforçado ainda pelo debate em torno do processo de organização, produção e influência das mídias, no qual se destaca o ruído existente entre definição dos conceitos de gêneros e formatos (Barbosa Filho, 2003; Lucht, 2009) e a seleção do conteúdo (Ortriwano, 1985; Piernes, 1990). Aqui também é essencial observar uma discussão sobre a veiculação da mensagem, sobretudo a programação e a interatividade (Zucoloto, 2012; Ortriwano, 1998; Maciel, 2009).

Determinar o planejamento de um curso, geralmente em nível superior, que alie produção, estilo e crítica, passa a ser uma preocupação dominante entre os docentes que buscam despertar nos alunos o olhar para o rádio e contribuir para que estes obtenham uma sólida formação para o exercício do jornalismo no meio.

2. O ensino de radiojornalismo

Alguns fatores são fundamentais quando se estabelecem diretrizes para o ensino do radiojornalismo. O primeiro é observar a interatividade como uma característica já consolidada, mas que precisa incorporar e solidificar as ferramentas já existentes, como as digitais. O segundo é estabelecer uma dinâmica para o funcionamento (acesso) desta tecnologia, como um instrumento criativo, em benefício do indivíduo e não como arma para o controle social. O terceiro está relacionado ao conhecimento, com a construção de um radiojornalismo crítico, baseado no debate e, portanto, na reflexão sobre o cotidiano, sem a atual atitude estática de disseminador de informações. Como consequência, o último fator é multiplicar os modelos de ensino e prática do radiojornalismo, com a integração entre as escolas e as emissoras. O pesquisador Pedro Portela (2006) indica uma das saídas, ao revelar a importância das mídias digitais, em especial a internet:

À rádio de hoje pede-se uma dinâmica exigente e nunca antes demandada, porque requer a manutenção de uma lógica de antena que se expresse aos ouvintes tradicionais através do canal que sempre utilizaram – mas que mesmo assim precisa de ser revista em função das inúmeras solicitações alternativas que lhe são concorrentes – e simultaneamente exige a

3 A programação do I Simpósio Brasileiro de Radiojornalismo está disponível em <http://www.eca.usp.br/cje/exibir.php?id=886>

4 O site da Rádio Gazeta AM é <http://www.gazetaam.com>

5 O site da Rádio Unesp FM é <http://radio.unesp.br/>

renovação de sua linguagem e função social, porquanto a individualização da comunicação e a interatividade proporcionadas pela Internet colocam novos desafios a necessitarem de respostas.

Esta rádio tem de perceber que se a Internet tem potencial para lhe roubar ouvintes, então que o larápio seja a sua própria presença na rede. Se até hoje a dinâmica radiofônica obedecia a um desenho em que era o ouvinte que vinha ao seu encontro, agora o processo tem de procurar desenvolver-se no sentido contrário, mas incluindo aqueles que continuam a preferir o modelo passivo. (Portela, 2006: 147)

A leitura do pesquisador português demonstra um caminho inverso no processo radiofônico, com a reorganização do processo comunicativo. Assim é inviável negar a existência de uma nova ordem pautada pela tecnologia, com os atores atuando em conjunto por meio de experiências interativas, inclusive de produção.

Além desse aspecto, destaque-se que a experiência das rádios comunitárias mudou a realidade de muitas pessoas no Brasil, que sempre estiveram à margem da discussão política e social. As sedes das emissoras se transformaram em centros de apoio à cultura e à educação, com projetos que integram comunicação e cidadania (Peruzzo, 2005: 6-7).

A mudança na atual estrutura radiofônica oferece aos diversos usuários, como estudantes, jornalistas, radialistas, comunicadores populares, ouvintes etc. a possibilidade de integração ao meio, antes limitado apenas aos que detinham o controle das emissoras devido à posse dos meios de produção e/ou à concessão governamental. A aproximação ocorre por meio dos canais de comunicação proporcionados pela mídia digital ou por modelos multiplicadores, como os observados nas rádios comunitárias.

A atual dinâmica multi e transmidiática, por exemplo, trouxe uma modificação na atual estrutura para o ensino de jornalismo de rádio, com a possibilidade de ampliação, para além da sala de aula, dos espaços de aprendizagem e, por conseguinte, de produção. Se antes o conteúdo elaborado pelos alunos de comunicação geralmente ficava restrito ao universo das disciplinas, servindo apenas como exercícios ou como provas de avaliação, hoje se oferece a oportunidade de disponibilizar conteúdos jornalísticos pelas mídias digitais ou mesmo pela transmissão na programação das emissoras de rádio. As rádios, em particular as universitárias, são as que melhor se identificam com esta tendência, ao implantarem projetos integrados às escolas de comunicação, por utilizarem as ferramentas digitais ou mesmo por promoverem atividades educativas e culturais.

Como dito anteriormente, as grades de programação de várias rádios universitárias já contam com programas elaborados somente pelos alunos ou em parceria destes com as equipes de profissionais das emissoras. Tais programas são transmitidos e disponibilizados nos sites e portais, como ocorre atualmente com o programa *Universidade 93,7*⁶, produzido pelos alunos de Jornalismo da USP e transmitidos pela Rádio USP. Neste contexto, proporcionam-se a interação e a inserção desses novos protagonistas ao universo da rádio.

O vínculo universitário entre emissoras e instituições de ensino estabeleceu uma dinâmica para o fomento de projetos que fortalecem as relações entre as emissoras, seus parceiros (a comunidade acadêmica) e outros usuários (público e colaboradores). Cursos de aperfeiçoamento, debates e intercâmbios são oferecidos ao público, principalmente os estudantes de comunicação. As atividades são coordenadas pelos profissionais da emissora e também contam com a participação de convidados externos, entre eles, os professores e alunos, como acontece também com a experiência da Rádio Universitária do Minho (RUM)⁷, em Portugal.

Logo, a transformação do ensino da comunicação é uma tendência que surgiu com o impacto das tecnologias e por ações relacionadas à cidadania e ao interesse público, como enfatiza o pesquisador Enio Moraes Júnior, ao analisar as perspectivas que orientam a formação do jornalista:

O jornalismo continua envolvido em suas contradições a representar também interesses privados. Mas o melhor jornalismo coloca-se a serviço da cidadania, e é isso que deve ensinar toda a Educação que enfatize a formação de profissionais de desenvolvimento humano.

Entretanto, não há certeza de criança nem ceticismo de adulto que permita garantir que esse é um caminho para um mundo melhor e mais justo, mas, certamente, é um caminho possível. É tudo choro ou riso de quem não fica indiferente ao rio e à vida. E de tanto observar e nadar no rio, sempre se chega ao mar... (Moraes Júnior, 2011: 322)

3. I Simpósio Brasileiro de Radiojornalismo

O I Simpósio Brasileiro de Radiojornalismo foi realizado no dia 30 de novembro de 2012, na ECA/USP. O evento ocorreu em virtude das comemorações dos 90

6 O site da Rádio USP é <http://www.radio.usp.br/programa.php?id=91>

7 O site da Rádio Universitária do Minho é <http://www.rum.pt/>

Anos do Rádio no Brasil⁸ e possibilitou a integração e a troca de experiências entre pesquisadores, profissionais e docentes de radiojornalismo, com o objetivo de estimular os estudos em graduação e pós-graduação, assim como fomentar uma discussão profícua sobre a reestruturação do ensino e da prática de rádio.

Ao longo do dia, as atividades incluíram 23 comunicações científicas, uma conferência sobre rádio de fronteira (proferida pela professora Daniela Ota, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)), uma homenagem aos 35 anos da Rádio USP e o I Painel Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo, no qual este artigo baseia-se fundamentalmente.

O I Painel Paulista sobre o Ensino do Radiojornalismo objetivou o compartilhamento de experiências de professores e pesquisadores de 16 instituições de ensino superior do Estado de São Paulo, além de alguns relatos de iniciativas em emissoras de rádio, tanto comerciais quanto públicas universitárias, como a Rádio Unesp FM, de Bauru (SP), e Bandeirantes, USP FM e Gazeta AM, de São Paulo (SP). Participaram do evento professores e pesquisadores das instituições Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Fundação Cásper Líbero (Facasper), Universidade Santo Amaro (Uniso), Universidade Nove de Julho (Uninove), Universidade São Judas Tadeu (USJT), Faculdades Integradas Alcântara Machado/ Faculdade de Artes Alcântara Machado (FIAM/FAAM), Faculdade Belas Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Fundação Escola do Comércio de São Paulo (Fecap), Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM); Faculdade Rio Branco; Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Anhembimorumbi (UAM), Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e Universidade de Araraquara (Uniarara).

4. A realidade dos cursos: práticas consolidadas e novos modelos

Os professores, pesquisadores e profissionais reunidos no I Painel Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo⁹ representam instituições de escopos

8 A primeira transmissão oficial de rádio no Brasil data de 7 de setembro de 1922, durante as comemorações do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro.

9 Os apresentações no I Painel Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo foram feitas pelos professores e pesquisadores Suely Maciel (Unesp) e Fábio Carmargo Fleury de Oliveira (Rádio Unesp FM); Pedro Serico Vaz Filho (Facasper/ Rádio Gazeta) e Elisa Marconi Bicudo (Facasper); Robson de Sousa (Uninove); Rafael Duarte Oliveira Venâncio e Sérgio Pinheiro da Silva (FIAM/FAAM); Moisés Stefano Barel

variados, de públicas a privadas confessionais e fundações. Apesar disso, três preocupações básicas perpassaram as apresentações e discussões de métodos e propostas de ensino de rádio/radiojornalismo: a) como despertar no aluno o interesse pelo rádio e as demais mídias sonoras, em meio ao fascínio exercido pelos meios digitais e a televisão; b) como garantir uma formação alinhada com as demandas do mercado de comunicação (fortemente marcadas, na atualidade, pelas mudanças tecnológicas) e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento de novas perspectivas e modelos para a comunicação radiofônica; c) o que e como fazer para formar profissionais éticos, responsáveis e alinhados com a defesa da comunicação cidadã, independente, democrática e comprometida com os mais amplos setores da sociedade.

Nas grades dos cursos, de três a quatro semestres são dedicados ao ensino de rádio/radiojornalismo. Em geral, os conteúdos contemplam, num primeiro momento, a história e os fundamentos da produção para as mídias sonoras (como linguagem, gêneros e formatos), tópicos considerados básicos para a posterior ampliação do conhecimento na área. Eles podem aparecer numa disciplina específica (como “Linguagem e produção textual radiofônica”, “Técnica Redacional: Radiojornal” ou “Introdução ao rádio”) ou serem abordados no início de disciplinas mais gerais, normalmente aquelas em que o estudo se volta para a especificidade da produção jornalística no meio (como “Radiojornalismo”, “Jornalismo de Rádio”, “Produções Especiais” e “Produtos Radiofônicos”). Nesse estágio, apresenta-se ao aluno o aprofundamento da teoria e da prática, com ênfase no exercício concreto de produção e acesso aos laboratórios e estúdios de áudio, além do desenvolvimento de atividades de estágio na emissora de rádio ligada à instituição, quando for o caso.

Nas propostas de ensino, a abordagem concentra-se nos princípios do rádio tradicional, de transmissão e recepção exclusivamente sonoras. Embora os professores afirmassem que não deixam de chamar a atenção dos estudantes para a nova configuração multimidiática da produção radiofônica na contemporaneidade, não houve, durante o I Painel, o relato de experiências nesse sentido, ou seja, de atividades (USJT/FIAM); Álvaro Bufarah Júnior (Belas Artes/FAAP/Uninove); Elias José Novellino (PUC-SP/ TV Record); Julia Lucia de Oliveira Silva (Fecap / Unisa) e Marcelo Cardoso (FIAM/FAAM/ Unisa); Patrícia Rangel (ESPM/Rio Branco); Lenize Vilaça e Márcia Detoni (Mackenzie); Luciane do Valle (Uniarara); Nivaldo Ferraz (UAM); Luiz Fernando Santoro e Luciano Victor Barros Maluly (USP), além do jornalista André Russo (Rádio Bandeirantes).

que instassem os alunos a realizar, por exemplo, produções que juntem áudio, vídeo, texto escrito, foto etc., como já se percebe na realidade do mercado hoje. Raríssimas também foram as discussões em torno do que seria ‘rádio’ e ‘radiojornalismo’ na conjuntura atual: ainda que os professores ressaltassem os desafios quanto às novas demandas por um profissional de múltiplas competências e preparado para atuar num ambiente pluriplataforma, a maioria esmagadora das experiências relatadas concentrou-se nos formatos radiofônicos tradicionais (principalmente reportagens, radiojornais e documentários) para veiculação analógica ou disponibilização somente do áudio em webrádios ou na forma de podcasts isolados na internet. Uma exceção foi a do já mencionado *Universidade 93.7*: os alunos produzem o programa para veiculação na Rádio USP e também fazem cartazes, vídeos e fotos para divulgá-lo nas mídias sociais, num trabalho de integração de diferentes códigos e formatos.

Também a nomenclatura das disciplinas citadas dá uma amostra desse quadro de descompasso entre o ‘antigo’ ensino de rádio e as demandas atuais. A única diferença foi de “Audiojornalismo”, forma como os estudos de jornalismo em mídia sonora são designados na Faculdade Mackenzie. Ainda assim, mesmo que o nome insinue uma compreensão ampliada sobre os meios sonoros e mais alinhada com as atuais pesquisas na área, o relato das professoras da disciplina não se diferenciou substancialmente dos demais apresentados quanto a conteúdos e atividades desenvolvidas.

A prática laboratorial (em estúdios de rádio e salas de informática e produção), por sua vez, foi apontada por todos como requisito fundamental para a boa formação do aluno, sempre alinhada aos fundamentos teórico-conceituais. Nesse aspecto, além da produção textual, ganhou destaque a importância do *know-how* de todo o processo de produção para o meio, incluindo manipulação de softwares de áudio, gravação, edição, locução e sonoplastia. Dessa forma, ainda que o fim precípua da formação em jornalismo de rádio seja o domínio da coleta de dados – calcada na pesquisa, na entrevista e na observação participante – e da produção textual para os diferentes gêneros e formatos, defendeu-se a elaboração e o controle integral, por parte dos alunos, de todas as etapas da produção de programas, incluindo roteirização, locução, edição, montagem de vinhetas, seleção musical, produção de trilhas, manipulação de efeitos sonoros etc. Praticamente todos os cursos realizam essas atividades de forma mais ou menos completa, dependendo da infraestrutura laboratorial disponível.

Além de promover a competência do futuro profissional para lidar com um mercado de trabalho marcado pelo enxugamento de equipes, acúmulo de

funções e múltiplas competências, como ressaltou o professor Álvaro Bufarah (Belas Artes/FAAP/Uninove), a prática laboratorial surgiu também como um valiosíssima aliada no despertar do interesse dos alunos pelas mídias sonoras. Um levantamento informal feito pelo professor Lourival da Cruz Galvão Jr. (Unitau) junto aos seus alunos do curso de Jornalismo pode ser aqui apresentado a título de amostra: entre os meios preferidos figuram, em primeiro lugar, a internet (32%), seguida da televisão (26%), dos veículos impressos (22%) e, por último, do rádio (20%). Quanto à periodicidade de audiência, 41% disseram ouvir o rádio diariamente, 37% ouvem raramente e 22% ouvem esporadicamente, sendo que a preferência disparada de audição é por música (47%), seguida de notícia (28%), entretenimento (18%) e esportes (5%). Por fim, o levantamento mostra que a baixa audição é ainda mais preocupante quando se trata de jornalismo radiofônico: 76% dos graduandos disseram não ouvir, enquanto apenas 24% se informam pelo meio (Galvão Júnior, 2012).

Embora a sondagem esteja restrita a um grupo específico de alunos, os resultados não se distanciam dos verificados empiricamente no cotidiano das salas de aula, como ratificam os depoimentos. No entanto, é clara também a percepção de que articular a teoria com o trabalho prático muda paulatinamente a percepção dos alunos sobre o meio e a relação com este passa a ser de forte entusiasmo, quando não de sincera paixão. Por exemplo, o mesmo levantamento de Galvão Júnior revelou que, quando concluem as disciplinas, 90% dos discentes afirmam querer trabalhar com radiojornalismo depois de formados.

Esse aumento de interesse e conhecimento, por outro lado, não é suficiente para o incremento de novas propostas de produção. De acordo com Pedro Vaz, professor da Facasper e gerente da Gazeta AM, normalmente os alunos querem reproduzir aquilo que já encontram no mercado e se frustram bastante por não conseguirem realizar tecnicamente o que ouvem na programação, seja por falta de conhecimento para tanto, seja porque é grande a defasagem dos equipamentos e softwares da maioria dos laboratórios em relação aos rádios. Além disso, em geral se mostram fechados à inovação e à experimentação temática e/ou de linguagem.

Em relação aos temas, vários docentes ressaltaram a necessidade de estimular no futuro profissional o desconforto com a ‘mesmice’ que comanda a agenda jornalística na atualidade e contribui para a perpetuação de um discurso hegemônico que não atende os interesses da maioria das populações. É preciso desenvolver “um novo olhar” sobre a realidade, bem como coragem e competência para enfrentar “pautas esquecidas, adormecidas ou abandonadas”, afirmou

Pedro Vaz. Para tanto, conhecimento ampliado, sólida formação ética, política e humanística, humildade e senso crítico são valores que devem ser reafirmados de forma perene entre os alunos. Só assim os jornalistas conseguirão exercer com qualidade e propriedade “o compromisso de levar a informação para alguém para que esse alguém decida sua vida”, ressaltou Elias José Novelino (PUC-SP; TV Record). Além disso, reafirmar a atualidade do rádio como veículo ágil, democrático e profundamente alinhado com as novas demandas do jornalismo, apesar dos seus 90 anos de existência no Brasil, é fundamental para sua consolidação entre os futuros profissionais.

Quanto à superação do lugar-comum na exploração da linguagem, Luiz Fernando Santoro (USP) considerou importante a formação e o enriquecimento do repertório do aluno, por meio de atividades de audição de rádios de diferentes estirpes, apresentação de exemplos de áudios e o fomento à produção concreta o quanto antes, como ocorre na disciplina “Radiojornalismo”, na ECA, em que os alunos realizam um programa logo após a primeira quinzena de aulas. Por sua vez, a professora Eliza Bicudo (Facasper) destacou a relevância da aproximação entre Radialismo e Jornalismo, de forma a incrementar neste a qualidade técnica e o apuro sonoro das produções. Ela apontou como essencial também reforçar, junto aos discentes, o papel do som como personagem, como elemento concreto e integrado à narrativa. Tal princípio foi corroborado por Julia Lúcia Oliveira Silva (Unisa/Fecap), para quem é preciso sensibilizar o aluno a respeito do som e de uma escuta efetiva. Afinal, embora se esteja inegavelmente num contexto de supremacia da imagem e das interfaces de tela, não se deve descuidar da audição e de todos os outros sentidos humanos:

A gente tem toda uma preocupação inicial de seduzir o aluno para uma escuta efetiva. Então, pra isso, até segura a ansiedade em relação a como fazer uma notícia e um passo anterior é como escutar rádio, é pensar e se lembrar que, além de seres visuais, nós somos seres que têm outros sentidos, que são nossos tentáculos com o mundo e nos ligam a ele. (...) A gente inicia com uma preocupação muito grande de alertar o aluno e desenvolver nele a percepção de que rádio não é só voz, não é só aquele texto que ele previamente elabora e depois locuta, mas é um mosaico, uma tecela de sons composta por outros elementos além da voz, que [o som] é tão personagem quanto os dados na narrativa sobre um fato, nos mais diversos formatos do jornalismo radiofônico. A gente parte do pressuposto de que o rádio é um mosaico de textos sonoros. (Silva, 2012)

Essa compreensão fundamenta produções

que utilizam a dramaturgia como parceira ou mesmo exploram as trilhas musicais e os efeitos sonoros de forma mais incisiva na construção das narrativas jornalísticas, como exemplificaram alguns professores sobre trabalhos de seus alunos. É verdade que a referência a esses recursos foi relativamente acanhada, assim como o uso do termo ‘experimentação’, talvez justamente devido ao tabu que cerca o emprego, nos formatos jornalísticos, de outros elementos da linguagem radiofônica que não apenas a palavra. O mesmo aconteceu com os projetos mais abertos à interatividade, praticamente ausentes de todos os relatos. Claro ficou, porém, o esforço das propostas e métodos em estimular novas construções, o que mostra o significativo papel da academia como espaço de criação e inovação de gêneros, formatos e abordagens temáticas. Nesse sentido, as rádios universitárias foram apontadas como cúmplices essenciais, dado seu caráter educativo e público. Foi ressaltado seu papel como espaço para veiculação de projetos de extensão diferenciados, bem como sua responsabilidade como laboratório e esfera privilegiada de divulgação de uma produção acadêmica ousada, criativa e protagonista de novos rumos para o jornalismo sonoro.

Considerações Finais

Pensar o ensino de rádio e de radiojornalismo na conjuntura atual, em que as seguidas mudanças tecnológicas têm reconfigurado incessantemente o mercado de trabalho, os conteúdos produzidos e o público, permanece como desafio cotidiano na agenda dos docentes, pesquisadores e profissionais da área. Num cenário ainda incerto, mas prenhe de possibilidades, a preocupação premente é consolidar o conhecimento teórico da área e auxiliar na construção de novos parâmetros e processos, sem desconsiderar, porém, a tradição e a história do meio e seu papel fundamental no desenvolvimento do jornalismo ágil, cidadão e voltado para os interesses mais amplos da sociedade.

Os depoimentos do I Painel Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo mostram que, a despeito das conhecidas e tradicionais dificuldades de infraestrutura, baixa valorização do meio rádio nos programas dos cursos e o contumaz desinteresse dos estudantes pelo meio (mais grave ainda quando se trata da produção jornalística), verifica-se um movimento incessante de reconfiguração das propostas de ensino, as quais incluem experimentações quanto às possibilidades estéticas e expressivas no emprego da linguagem própria do meio, abertura à articulação diferenciada de gêneros e formatos, estímulo ao desenvolvimento de novos olhares no processo de produção e um contínuo e profícuo esforço de atualização no acesso e domínio da tecnologia.

Nesse esforço, vale estimular nos alunos o

gosto pela audição, incutir neles a sensibilidade para os sons do mundo e despertar sua curiosidade para a inesgotável variedade de possibilidades de combinação entre música, palavra, efeitos sonoros e silêncio, sempre na máxima medida do que permitirem as salas de aula, os laboratórios e os estúdios de áudio das instituições de ensino. E tudo isso de olho nas demandas do mercado, é claro, mas também buscando superar modelos e padrões cristalizados.

Mesmo que boa parte das iniciativas ainda seja bastante acanhada e, muitas vezes, em descompasso com a velocidade das mudanças no meio, é nítido o esforço em garantir uma formação que ofereça os recursos necessários ao amplo desenvolvimento do aluno como profissional multimídia, multitarefa, empreendedor, autônomo e responsável, ciente de seu papel na consolidação, nas mídias sonoras, de uma produção diversificada, criativa, ética e comprometida com as demandas do público nas esferas local, regional e global.

Referências

- Barbosa Filho, A. (2003). *Gêneros radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio*. São Paulo, Paulinas.
- Benjamin, W. (1986). *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo, Cultrix/Edusp.
- Brecht, B. (2005). "Teorias do Rádio (1927-1932)", in Meditsch, E. B. V. (org.). *Teorias do rádio – textos e contextos*. Volume 1. Florianópolis, Insular, pp.35-45.
- Galvão Jr., L. C. (2012). *A formação em Radiojornalismo na Universidade de Taubaté: um estudo sobre as atividades teórico/práticas e o uso das tecnologias digitais*. I Simpósio Brasileiro de Radiojornalismo. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. (comunicação oral).
- Lopez Vigil, J. I. (2003). *Manual urgente para radialistas apaixonados*. São Paulo, Paulinas.
- Lucht, J. M. P. (2009). *Gêneros Radiojornalísticos – análise da Rádio Eldorado de São Paulo*. (Tese de doutorado). São Paulo, Umesp. Disponível em http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2132 (acedido a 25 de junho de 2013).
- Maciel, S. (2009). *A interatividade no discurso de viva-voz na comunicação radiofônica*. (Tese de Doutorado). São Paulo, ECA-USP. Disponível em http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/file/bdt/2009/2009-do-maciel_suely.pdf (acedido a 23 de junho de 2013).
- Moraes Jr., E. (2011). *O ensino do interesse público na formação de jornalistas: elementos para a construção de uma pedagogia*. (Tese de Doutorado). São Paulo, ECA-USP. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-23092011-185859/pt-br.php> (acedido a 11 de agosto de 2013).
- Ortriwano, G. (1985). *A informação no rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo, Summus.
- _____. (1998). "Rádio: interatividade entre rosas e espinhos". *Revista Novos Olhares*, 1 (2), São Paulo, ECA-USP, pp.13-30.
- Peruzzo, C. M. K. (2005). Rádios Comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão, in *Anais do Seminário Mapa da Mídia Cidadã*. São Bernardo do Campo, Umesp. Disponível em www2.metodista.br/unesco/agora/pmc_forum_iluminando_peruzzo.pdf. (acedido a 20 de agosto de 2011).
- Piernes, G. (1990). *Comunicação e desintegração na América Latina*. Brasília, Ed. UnB.
- Portela, P. (2006). *Rádio na Internet em Portugal: a abertura à participação num meio em mudança*. (Dissertação de Mestrado). Braga, Uminho. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6251/1/pedro%20portela.pdf>. (acedido a 27 de julho de 2011).
- Silva, J. L. O. (2012). *A experiência da Fecap e da Unisa no ensino de rádio*. I Painel Paulista sobre o Ensino de Radiojornalismo. São Paulo, ECA/USP. (comunicação oral)
- Zucoloto, V. R. M. (2012). *A programação de rádios públicas brasileiras*. Florianópolis, Insular.